

Busco em outro tempo, em outra pele, sinais de finitude, avisos efêmeros que germinem motivos cicatrizantes.

Ornadas de vicissitudes, falo de iniciações, de puerilidades. Nutro vida, promovo uma imitação da natureza, fascinado, ocupando um lugar inspirado, dou prosseguimento; escrevo.

Confesso ter restrições, tenho uma pendência com meu desejo, não consigo afastar-me dele, só me intimizo seletivo, empreendo rituais de conquista, abraços com carinhos, promovo e espero impactos emocionais, completos, frontais, aceitados totalmente, sem resistências.

Tu como eu, conheces certamente a dor da dor, o horror da solidão, o vazio do exílio. Mostra-me todos teus disfarces para que não use o único que tenho.

Em respeito às leis do amor que nos protege como amantes, nenhum tempo entre nós é definido previamente. Em nome da sensualidade, serão válidas todas as tentações, seduções e conquistas. De conformidade com o cansaço, serão feitas pausas para que nos consumamos devagar; as provocações serão limitadas para acompanhar as respostas possíveis, pois assim nunca perderemos a qualidade e o hábito. Recusas, só em caso extremo de dores ou tristezas que distraiam e tirem as forças. Os olhos deverão fixar os do outro durante a intimidade, não sendo aceitas distrações, ainda que justificáveis. As portas e as janelas só serão abertas para a renovação dos apetites, para a entrada da luz que emana do consentimento e da aceitação. A voz estará a serviço do deleite, para promover efeitos colaterais, adicionar uma permanência através da declaração de amor que acompanhará nossos atos.

Não tivesse eu deixado vestígios dos meus passos, já nada haveria; minhas mil emoções não houvessem composto uma história, tantos afagos teriam ficado apenas imaginados.

Em que versos cabem minhas penas, as dores que se cravam no meu peito quando vejo a pobreza cravada na infância, assassinando as inocências.

Meu passado tem ruas escuras, sangas com sapos cantores, insistentes passos e um assovio sonorizando meus medos. Meu passado carrega sonoras serenatas encravadas na minha juventude.

Dou sossego aos olhos, eles não repetem duas vezes o que alguma vez me disseram, atravessam os espaços querendo ajudar a preencher o sem-sentido. Ao borde dos motivos que olham os restos, por meio próprio veio o olhar suspirando visões convenientes. Os olhares seguros sobem ao tocar o cume onde descansam as graças, avisam-se, fugazes, avançam como as nuvens, nunca se repetem, passam abrindo novos caminhos.

Quem coordenou o canto das sereias? Que tolerância estendeu suas esperas? Que certeza nas naus retornando? Que nelas viriam seus amores mantendo as mesmas cenas? Que acordo se sustentou sem desistências?

As portas e as janelas têm memória de corpos suspensos, entrando e saindo, com o olhar na borda da espera.

Sempre haverá uma dor vizinha despedindo a lembrança e o prazer, caída no vazio que supera todas as presenças de consolos, de ofertas sem sentido, sem haver o bálsamo que supere o sentir desabastecido, da vida sem.

Protagonista de esse episódio que estorva o corpo, um ruído, um desequilíbrio, um olhar de entrega, um riso descontrolado, um suor confessional humildemente avisando rastros de humanidade fugidos dos esconderijos, cópias inapropriadas, versões exageradas postas à prova no confronto das impurezas com a realidade.

Nada protege a fragilidade, em sua essência ela vive à deriva, vai pelo mundo. Complexa e ofuscante, talvez não admita os erros à espera de acolhida assumindo um destino de adesão ao risco aventureiro como uma sentença pouco considerada, inacabada.

Às vezes a distância me chama e eu não sei como chegar, desvio caminhos tentando encurtar, gasto andanças e esperanças, não sei quem me espera e quem estará ali caso eu encontre quem me chama para saber se me clama ou me espanta.

Uma sabedoria recolhida e serena murmura motivações significativas. O olhar cabisbaixo finge uma distração preservando a vergonha. Por instantes se põe triste com os abalos que o amor é capaz de produzir. Expressa tormentos interiores diante da síntese corpo e alma indecisa em dupla e opulenta vocação.

Uma maneira de obter as graças dos portadores seria dominar-lhes a sede de elogios, declarando-lhes aquilo que eles precisam ouvir.

Os amores carecem, se parecem. Cercados de ânimos carregados de esperas vazios esperam acolhimento, alternam-se em turnos nas recepções e nos oferecimentos, curvam-se humildes expectantes por realização. Os amores sobram e faltam urgentes, pacientes, inteiros, fraturados, velhos, envernizados, novos, arranhados, repetidos, desdobrados, fracassados, ruidosos nas transparências e nos segredos.

Depois de havermos entrado na vida, definitivamente, jamais poderemos sair dali como entramos.

Suspeito sou para falar dessa sentença, de uma despedida sem volta, imprevista, improvisada, advertência de que a morte não pede licença para vir. Não me negarei a ter a tentação de algum desafio, alguma resistência para deixar tudo o que amo.

Decoradas as regras e as contra regras, deixo os meus e os teus amores de ontem nos seus devidos lugares de incalculáveis distâncias.

Esfregando os peitos oferecidos à boca sedenta até promover o espanto, viajei em direção a me perder no efeito apaziguante. Passeando por todos esses assuntos tão intensos, ficamos reunidos para demarcar o lugar esperando que o amor aconteça.

A perda da saúde faz-nos ver que a alma nem sempre decide informá-las ao corpo. Sem medir as consequências lavra falsos laudos.

Há pessoas que deformam as ofertas de auxílio transformando-as em esmolas. Neles a tristeza entra como um castigo pela falta de delicadeza e pela falta de respeito.

Há dias em que me dedico a degustar cada instante, como convidado de honra visito a realidade que me cerca, amplio os afetos que me guarnecem. Desatino o descompasso que insiste em provar-me que as divisões são mais frequentes e as somas mais escassas.

Deposito as penas, delimito o que vejo onde os outros recuam, tento e não consigo demitir essa vontade de ir, aceitar-me pertencendo a todas as idades, dando à maior das dores o tamanho do medo, sentindo a falta de abraços, saudoso dos colos há muito desencontrados, desistido de estar.

Compareço confirmando prioridades, dentre elas uma revolução permanente na consciência que me liberta da omissão e da indiferença através de vínculos que são suporte, que motivem minhas relações com o mundo e com os meus semelhantes.

As paredes mostram os troféus e a feridas. Constató que todos meus sentimentos são vividos pela primeira vez, eles esperam mudar o contexto, serem agentes da singularidade; catarse do mundo e seus conflitos.

Li muito mais para buscar inspiração, vocabulário e companhia. Nessa minha vontade de escrever, suavizei minha ignorância a cada nova leitura. A escrita é uma arte que se aprende sob determinadas circunstâncias. O ato de escrever culmina no gesto de preocupar-se em cuidar da palavra.

Há demônios que nos cercam, habitam nossos entornos, sedutores. Por meio de arranjos não se preocupam com os humanos rebaixados a “coisas” manipuláveis. Frente a essa inclusão alienante, os humanos despojados da dignidade, aceitam desorganizar-se em seus valores.

De onde venho, feito barro, sangue, memória oferecida, histórias loucas, migrações por fome, por guerras consumindo o sangue dos inocentes? Venho de cruzar mares, desertos, venho de andar em silêncio, de gritar de medo, de não dormir de noite ouvindo a voz do pensamento acariciando meu passado.

Recorro à memória para poder contar o que li, o que vi, o que ouvi. Luto para lograr algum êxito. Combinei com os ossos, os músculos e a pele algo sobre a coincidência de interesses.

Enveredo por caminhos, procuro a terra deixada, derrubo o muro, guardo as palavras e a paciência ancoradas na vontade de escutar meus pés retornando à infância.

Pela residência dos mortos andam almas infelizes, anjos descompensados, diabos disfarçados, santos degradados, mulheres apressadas, homens atrasados, crianças abandonadas, jovens aviltados, excluídos de todos os tipos, imigrantes do mar e da terra.

Ingênuo que fui, ao tentar desvendar o enigma dos teus maus humores. Onde se refugiaram tuas alegrias?

Guiado por uma ordem, movido por um instinto, a cada dia findo invento novas aventuras para alegrar cada amanhã. Musico as noites, invento poesias passageiras para tornar o encontro mais livre e as declarações mais disfarçadas.

No dia que dedico a te esquecer, guardo um retrato, ainda aprisionado pelos temas, poesias e perfumes que insistem em estampar-te teu rosto, em hospedar-te, dar presença a tua falta.

Não estou contente com o que vejo: perde-se o rumo do riso, banaliza-se o sagrado, os corpos aviltados voltam sem sementeira, a reunião das queixas com as tristezas alimenta a fome que a todos habita.

Do tempo vêm surpresas vãs, olhos alheios, a tardança, a demanda, a pressa, o atraso, o mau tempo, o bom tempo, a madrugada, a vigília. Com o tempo, quando a morte permite, vem a velhice.

Porque eram livres, criaram; porque eram aceitados, agradeceram; porque eram sábios, acumularam - como as pedras; porque eram pacientes, esperavam; porque eram prudentes, selecionaram. Audazes, guardaram em nós suas histórias.

Abunda a prosperidade material, piora a distribuição das riquezas econômicas, predeterminadas seguirão nas mãos dos mesmos que as retém. Havendo sido priorizada a solidariedade permitiu a preservação da vida no planeta, na contramão, seu desaparecimento facilita a dominação, ocupa o lugar dos sonhos e perpetua a exclusão e a esperança em falência.

Vi logo que pela porta dos fundos chegaram novos sentimentos, vinham com alma aberta, como um sonho simples de doer, pronunciando um silêncio que ressoava um sotaque de antigamente, argumentos virgens vertiam águas serenas, como que, sabendo das minhas afligidas curiosidades, aproximou aquelas inesperadas maravilhas. Nada hoje tende a arcar com a natureza em suas primeiras versões.

Imprevisivelmente, o que era para ser curto se estendeu - os tormentos não foram perdoados. Um evento inadvertido comoveu especialmente a dor de tanto doer, os revezes ocultados. A raiva se esfumou na casa das palavras cansadas.

Há fantasias ruidosas, há fantasmas tristes, há fadas que não esperaram a hora, há lágrimas que comemoram, há amores destemperados, há misérias sustentadas, há riquezas pesadas, há falsos diamantes, há humildades

verdadeiras, há recordatórios, há orgulhos repetidos, há a ausência de sentidos, há cópias, há extermínios, há a purificação, há o perdão, há a boa companhia, há o espanto, há a vergonha entre o sim e o não.

Atitudes básicas nos descobrem alimentando discretas fantasias redutoras das dores, só para enganar os vazios.